

Sábado, 12 de Julho de 1958

RUBEM BRAGA

## O TEATRO

MESMO com as aberturas de divisas, acho que o governo federal não deve hesitar em ajudar o baiano, concedendo-lhe dólar barato para a reconstrução do Teatro Castro Alves. Não sei se, como governador da Bahia, eu teria a coragem de Otávio Mangabeira e Antônio Balbino — o primeiro começando, o segundo realizando esse imenso e faustoso teatro que era mais do que um teatro, era um centro de cultura e de civismo. É possível que eu empregasse em coisas mais modestas e prementes os 300 ou 350 milhões de cruzeiros que a grande casa consumiu.

Mas acontece que não sou baiano. E esse teatro, e a idéia desse teatro, a coragem e a loucura de fazer esse teatro, isso é baianada pura, é verso de Castro Alves, é período de Ruy Barbosa. E tanto é que o povo — gente da oposição e do governo, muita da qual murmurou longamente quando se entornava aquela dinheirama no elefante de cimento — o povo baiano inteiro, quando viu o teatro pronto, ficou a favor do teatro e se orgulhou do teatro — o melhor das Américas, um dos dois ou três melhores do mundo!

Neste momento, podem estar certos os baianos, a tristeza é nacional. Nós todos sentimos que a reação também deve ser nacional — trata-se de reconstruir imediatamente o maior e o melhor teatro do Brasil, que aconteceu na Bahia porque a Bahia é governada por baianos que nunca deixam de ser um pouco águias e condores por amor à oratória em prosa e verso de seus dois grandes homens.

Mandei ontem a Antônio Balbino um telegrama sincero dizendo assim: «Participo desolação prezado amigo mas confio poder comparecer inauguração novo teatro sob seu governo».